

RESENHA

Os historiadores e seu passado

ROBSON DELLA TORRE
robson_torre@yahoo.com.br

A Construção da narrativa histórica: Séculos XIX e XX, coletânea de artigos organizada pelas professoras Néri de Barros Almeida, Ana Lúcia Nemi e Rossana Alves Baptista Pinheiro, reúne 13 contribuições redigidas por pesquisadores e professores de várias universidades brasileiras de destaque que se debruçam sobre a dependência dos historiadores para com a tradição historiográfica dos últimos dois séculos. Conceitos, metodologias, recortes temáticos: tudo passa por rigoroso escrutínio na busca por entender o quanto a escrita da História nos dias de hoje ainda está atrelada a seus mestres dos séculos XIX e XX, o quanto se afastou deles e quais as possibilidades que se abrem a ela a partir dessa revisitação crítica de seu passado.

A coletânea é bastante ampla em sua abordagem. Da dívida dos historiadores para com o método empregado pelos “pais” de sua disciplina na Grécia clássica, Heródoto (c. 484-425 a.C.) e Tucídides (c. 460-c. 395 a.C.), às interpretações contemporâneas sobre a América Latina de Richard Morse (1922-2001), José Enrique Rodó (1871-1917) e Manuel Bomfim (1868-1932); da análise de um conto de Alexandre Herculano (1810-1877) em Portugal no século

XIX à discussão sobre o projeto arquitetônico da fachada oriental do museu do Louvre na França seiscentista, o livro busca ser o mais abrangente possível em termos temáticos, cronológicos e metodológicos.

A despeito da pluralidade de objetos e de abordagens, as contribuições se detêm em preocupações comuns: o aporte do nacionalismo para a formação da História acadêmica no século XIX, o compromisso dos historiadores oitocentistas para com o fortalecimento de seus respectivos Estados Nacionais, a importância de novas filosofias da História para a compreensão e a atribuição de significado ao passado estudado, o peso das preocupações ideológicas dos historiadores enquanto manipulam técnicas de erudição e de crítica documental para o estabelecimento de “verdades”. Assim, mostra-se, por exemplo, que a edição do texto dos processos de condenação e de absolvição de Joana d’Arc por Jules Quicherat (1814-1882), apesar de sua indiscutível qualidade técnica, está imbuída de um forte viés nacionalista e ainda fomenta novos usos e apropriações sobre a Donzela de Orléans na atualidade; que os conceitos de “helenização” e de “romanização”, correntes nos livros didáticos até hoje, foram cunhados a partir de uma concepção colonialista das grandes potências europeias que hoje está completamente criticada; que as discussões sobre a consolidação das monarquias nacio-

nais na Baixa Idade Média refletem inquietações dos historiadores contemporâneos a respeito de sua concepção de Estado e da relação que este deve manter com a sociedade civil; enfim, que até mesmo a Igreja foi entendida à luz de conceitos forjados no século XIX, tal como “Reforma gregoriana”, que expressavam o olhar dos pesquisadores para eventos contemporâneos seus, dentre os quais o processo de unificação italiana de meados do século XIX e o crescimento do secularismo nas primeiras décadas do XX.

No geral, a linguagem dos artigos é acessível a um público não especializado, que, dessa forma, pode tomar contato com debates importantes que têm prevalecido em diferentes áreas da disciplina histórica nas últimas três décadas. Ao mesmo tempo, o rigor metodológico e a qualidade das pesquisas apresentadas não desapontarão o leitor interessado em comentários detalhados e teses de vigor sobre a matéria trabalhada. As organizadoras da coletânea conseguiram produzir um volume ao mesmo tempo diversificado e qualificado, que certamente trará grandes benefícios ao debate entre historiadores e pesquisadores das demais áreas das ciências humanas.

Robson Della Torre é doutorando em História pela Unicamp e foi recentemente aprovado em concurso para professor de história antiga e medieval da Unimontes (MG).



SERVIÇO

Título: A construção da narrativa histórica – Séculos XIX e XX

Organização: Ana Nemi, Néri de Barros Almeida e Rossana Alves Baptista Pinheiro

Edição: Editora da Unicamp e Fap-Unifesp

Área de interesse: História

Páginas: 288 | **Preço:** R\$ 40,00

Método desenvolvido por pesquisadores do IB e do IQ tem baixa toxicidade

CAROLINA OCTAVIANO
Especial para o JU

Buscando garantir a baixa toxicidade e uma melhora na qualidade de vida de pacientes com câncer de próstata, pesquisadores do Instituto de Biologia (IB) e do Instituto de Química (IQ) da Unicamp desenvolveram um sistema híbrido à base de hidrogel para tratamento da doença. O processo agrega hidrogéis de polímeros biocompatíveis e nanopartículas mesoporas de sílicas incorporadas com fármacos – liberados de forma controlada – para tratamento tumoral. A própria nanoestrutura já exerce efeitos no tumor, mas é potencializada pela utilização dos medicamentos.

“Quem dita o efeito antitumoral é a nanoestrutura, que interage com proteínas que estão no sangue e no abdômen, local escolhido para a aplicação. Essas proteínas chegam até a célula tumoral e isso, somado ao efeito do fármaco, faz com que obtenhamos um efeito muito significativo”, explica Wagner José Fávaro, professor do IB e um dos responsáveis pelo desenvolvimento da tecnologia. Em sua avaliação, o processo representa uma grande evolução como método de *drug delivery* para o sistema biológico.

A tecnologia, que está disponível para licenciamento, tem como principal diferencial tanto o efeito antitumoral como a baixa toxicidade, atenuando os efeitos colaterais.

O processo obteve resultados satisfatórios em testes *in vivo*, em ratos de laboratórios. Durante um mês, os animais receberam sistematicamente injeções que continham o sistema híbrido à base de hidrogel e apresentaram uma diminuição no tamanho dos tumores e também baixa toxicidade, principalmente no coração. “Não chegamos à cura do câncer, mas o tamanho dos tumores nestes animais foi reduzido, em todos os estágios. Em estágio inicial, conseguimos que o tumor fosse quase eliminado. Se este tratamento for prolongado ou associado a outros tipos de fármacos, podemos obter uma nova abordagem”, aponta Fávaro.

Sistema híbrido pode ser alternativa contra câncer



Foto: Anloninho Perri

O professor do IB Wagner José Fávaro, integrante do grupo que desenvolveu a tecnologia: “Podemos obter uma nova abordagem”

QUALIDADE DE VIDA

Uma das preocupações dos professores e pesquisadores envolvidos nos estudos foi a de garantir a qualidade de vida durante o processo de tratamento do câncer. “Curar o câncer é um grande desafio, mas é importantíssimo que a gente consiga melhorar ou prolongar o processo e garantir que esse paciente tenha qualidade de vida, fato que está diretamente associado à toxicidade dos fármacos”, explica Fávaro.

Segundo o professor, o tratamento é inovador por utilizar a nanotecnologia aliada aos fármacos no combate ao câncer de próstata. “Em oncologia, a nanotecnologia ainda é pouco aplicada e tem utilização muito recente. Em nenhum trabalho vimos a utilização da sílica em gel associada ao fármaco no tratamento do câncer de próstata. Em todos os tumores, há muito pou-

cos trabalhos que utilizam essa versão da sílica em forma de gel, associada aos fármacos. Por isso, esse hidrogel criado por nós é único”, afirma.

PARCERIA

A parceria entre os dois Institutos da Unicamp para o desenvolvimento da tecnologia teve início após a realização de pesquisas sobre o comportamento de tumores por pesquisadores do IB. Na ocasião, eles analisavam, com base no mapeamento molecular, qual o melhor momento para se dar início ao tratamento com fármacos, buscando uma maior eficiência. Após esses estudos, o Instituto procurou o Laboratório de Química Biológica, do IQ, que é coordenado pelo professor Nelson Eduardo Duran Caballero, também responsável pela patente.

“Pensamos no câncer de próstata e criamos um modelo deste câncer, na qual se induziu o desenvolvimento da doença. Depois, começamos a fazer alguns estudos sobre a adequação dos materiais que eles tinham, em nanotecnologia, dentro dos tumores e demos início a vários projetos, associando a nanotecnologia aos fármacos já existentes, buscando melhorá-los”, comenta Fávaro, que revela que os estudos estão evoluindo de modo a contemplar outros tipos de cânceres, como o da bexiga, por exemplo. “Precisamos ampliar os estudos e também analisar os resultados a longo prazo”, conclui.

Interessados no licenciamento da tecnologia devem entrar em contato com o Setor de Parcerias da Agência de Inovação Inova Unicamp, pelo endereço parcerias@inova.unicamp.br ou pelos telefones (19) 3521-2552 ou 3521-2607.